

Manuscrito de Glauber Rocha

Estas páginas (21 e verso) fazem parte do quinto roteiro escrito por Glauber Rocha para *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), cuja ubiquação é a Cinemateca Brasileira. A primeira imagem refere-se ao roteiro por ele utilizado nas filmagens (entre junho e setembro de 1963), a segunda, com desenhos, constitui instruções do diretor, muito provavelmente ao câmara e ao fotógrafo do filme (Waldemar Lima), sobre como proceder a partir do indicado no texto.

Tem-se ali, entre outras informações, um *rascunho* do imaginado por Glauber para cada sequência – posto que praticamente todas as páginas trazem planificações iconicizadas no verso, complementadoras das idealizações inscritas nos textos verbais datilografados e manuscritos. É importante ressaltar esse ponto. O roteiro datilografado recebeu também adendos manuais do diretor. Vejamos então os planos 39 a 45 que fazem parte da sequência 8.

Trata-se, na totalidade, da sequência em que Manuel é perseguido por três capangas do seu patrão, após matá-lo na feira porque estava sendo extorquido pelo Coronel. O resultado (no filme) tem neste trecho o tom de um combate entre mocinho e bandidos em um faroeste (gênero tão caro ao diretor). Atente-se para a escrita glauberiana: as orações breves, separadas por pontos-e-vírgulas; as indicações musicais e os sons de cascos vibrantes, ao lado da dramaticidade das ações, indiciam a rapidez e a violência ali previstas e que elevariam a tensão já criada com a morte do patrão. Porém, isso não é tudo e Glauber une a esses elementos outras indicações manuscritas: a sequência terá início com um *travelling* e será rodada a partir de um *jeep* enquanto os jagunços estão a cavalo; quando estes estiverem a pé, assim como Manuel, Rosa e a mãe dele, a câmara passará a ser usada na mão, acompanhando-os (e mantendo a densidade dramática).

Os números indicados e cortados por um X mostram que os planos foram rodados. A lente 50 mm (ali recomendada) corresponde à visão do olho humano. Não é possível, com ela, aumentar o campo de visão distorcendo-o para os lados, como fazem as lentes menores que a 50 mm (grandes angulares e olho de peixe), e nem enxergar algo que está muito distante, como permitem as lentes superiores que a 50 mm (teleobjetivas). Um tom *realista* é impresso nos planos.

SEQUENCIA 8

Exterior-Dia-Porta da Cabana de Manuel

~~39- PG-~~

~~TRAV~~

Manuel entra correndo no cavalo; Irrrompem sons de violões em ritmo agitado; Manuel grita "ROSA! MAE!"; Rosa sae e vem correndo, se abraça a Manuel; a velha mãe aparece na porta; Manuel explica; olha para trás;

~~40- TRAV. Veloz.~~

Avançando, três jagunços a cavalo. Avançam. Cascos ressoam; Violões crescem; TRAV recuando enquadra Manuel; Rosa corre e sae de quadro; os jagunços derrubam Manuel com violência Manuel fica caido, mas já se equilibra;

~~41- PG-~~

Os jagunços saltam dos cavalos; Rosa corre ao fundo para junto da velha mãe; dois jagunços vão atrás; um marcha para Rosa e outro para a velha; o terceiro vem para fora do quadro, correndo para Manuel; violões crescem

~~42- PG.~~

O jagunço e Manuel
O Jagunço avança de faca em punho para Manuel ; Manuel corre e pega a mão de pilão; foge do golpe e derruba o jagunço com um golpe violento; corre para fora de campo. Violões.

E o que se tem nos desenhos? O plano 40 aponta a posição exata dos personagens de Manuel, Rosa e os três jagunços, além de indicar também a saída de Rosa pela esquerda e o movimento feito pelo fotógrafo para manter todos no quadro, já que no plano 41 tem-se Rosa ao fundo / o capanga 1 dirigindo-se a ela; a mãe de Manuel ao fundo também / outro capanga encaminhando-se para ela; Manuel e o terceiro capanga. Desde o 41, os desenhos parecem privilegiar o papel da câmera no ritmo a ser impresso à sequência. No 42 e 43, na mão ainda, a câmera mostra Manuel em luta com o jagunço, que é morto; desvia-se, no 43, para enquadrar Rosa sendo atacada e salva por Manuel (no 44) que, em seguida, com o rifle do capanga na mão (no 45), mata o jagunço restante.

Escrita e traços em harmonia, a pontuar o ritmo e o movimento das imagens audiovisuais, já que é em cinema que Glauber está a pensar. Tudo absolutamente sob controle – não nos esqueçamos que cinco roteiros foram redigidos –, o oposto do que se imagina a partir da popular legenda glauberiana: uma câmera na mão, uma ideia na cabeça. (Josette Monzani)

